

COMERCIALIZAÇÃO DA SAÚDE MENTAL: A INFLUÊNCIA DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA NOS DIAGNÓSTICOS PSIQUIÁTRICOS

KLEIN, L. M; MOURINHO, G.

Palavras-chave: Indústria farmacêutica. Diagnósticos. Medicalização. DSM.

1.INTRODUÇÃO

A venda de remédios nunca foi tão extensiva como nos últimos anos, o aumento no número de farmácias pode ser um demonstrativo deste fato, algumas vezes uma de frente para outra. A indústria farmacêutica é um poderoso jogador na economia global, sendo uma das que mais lucram no mundo, desbancando até mesmo a indústria bélica (RANKIA, 2024). O crescimento dos lucros pode ser atribuído a vários fatores, mas um se destaca, sendo esse a venda de psicotrópicos, segundo dados do governo (BRASIL, 2011) 44% dos remédios controlados vendidos em farmácias brasileiras são para transtornos mentais e de comportamento.

Quanto a isso, devemos reconhecer a importância no qual o diagnóstico psiquiátrico exerce na vida do paciente, que passa a ingerir psicofármacos com reações físicas e psicológicas adversas, e vivencia as consequências dos efeitos colaterais. Além disto, existe o valor representativo que o diagnóstico pode exercer em si mesmo, fazendo sem perceber, o diagnóstico como sua bandeira, estabelecendo comportamentos limitados a seu quadro, tornando-a como parte de sua “personalidade”.

A superinflação dos diagnósticos a partir do DSM é a prova mais evidente da aproximação da medicina com a indústria farmacêutica, de acordo com Dunker (2021, p. 75), “ Surgem denúncias de que mais de 70% dos formuladores dos critérios diagnósticos seriam remunerados direta ou indiretamente pela indústria farmacêutica”. Existe uma ampla gama, na qual observamos vários dos critérios; muitas vezes vagos, dependendo do período da nossa vida, podemos facilmente nos encaixar em algum deles.

12

¹ Leonardo Munhoz Klein. Academia do Curso de Bacharelado De Psicologia da Faculdade de Apucarana-FAP-Pr 2024. leonardo@gklein.com.br

² Giovana Mourinho. Orientadora da Pesquisa. Docente Mestra do Curso de Bacharelado De Psicologia da Faculdade de Apucarana-FAP. Apucarana – Pr 2024

2.OBJETIVO

Identificar, por meio de uma breve revisão da literatura, a influência da indústria farmacêutica nos diagnósticos psiquiátricos.

3.MÉTODO

Esse trabalho foi elaborado a partir de uma revisão da literatura nas bases de dados Scielo, Pepsic e Pubmed no período entre 2010 e 2022. Os descritores utilizados foram “indústria farmacêutica”, “diagnósticos”, “medicalização”, “DSM”. A metodologia utilizada foi a revisão integrativa dos artigos selecionados, 1 livro, 1 publicação do Conselho Federal de Farmácia, 1 publicação do Conselho Federal de Psicologia e 1 publicação do Ministério da Saúde. Os artigos selecionados, foram artigos publicados nos últimos 14 anos ou textos científicos, como documentos governamentais.

4.DESENVOLVIMENTO

A nossa cultura privilegia o consumismo e o imediatismo, sintomas próprios do modelo capitalista, a saúde mental não fica de fora desta equação, o senso comum escolhe, na maioria das vezes, o uso de psicotrópicos em detrimento de psicoterapias, por ser mais rápida e “eficaz”, mesmo não precisando em comparação com casos mais graves, que necessitam de medicamentos. Isto acaba gerando uma demanda enorme, e um forte potencial de lucro. Só na pandemia do COVID-19, segundo o Conselho Federal de Farmácia (2023), o número de antidepressivos e estabilizadores de humor deram um salto de 82.667.898 em 2019 para 112.797.268 em 2022, ou seja, um aumento expressivo de 36%. Enquanto a venda de anticonvulsivantes e antiepiléticos, que são usados em casos de depressão profunda foi de 21%.

Aliado a isso, temos a patologização generalizada dos transtornos mentais, que se seguirmos os critérios diagnósticos do DSM V, chegamos na conclusão de que, segundo Dunker (2021, p . 247) apenas 5 a 10% da população satisfaria os critérios diagnósticos, isso porque, sobre o padrão de normalidade do DSM:

Procuramos ressaltar como esse processo passa ao largo da difícil demarcação das concepções de normal e patológico no campo da produção do saber científico, incluindo uma deliberada negação da complexidade das experiências de sofrimento e adoecimento psíquico e sua natureza muitas vezes refratária aos enquadres e classificações. Dessa forma, no contexto de uma

psicopatologia contemporânea, a redução das experiências de sofrimento psíquico a um sistema classificatório de transtornos mentais sob critérios instituídos criaria um campo propício para medicalização e seus subprodutos (Soalheiro, N. I., & Mota, F. S , 2014, p. 5).

Processos normais, como o luto, estão sendo considerados um transtorno mental, o chamado Transtorno de Luto Prolongado, no qual, quando a pessoa apresenta sintomas de sofrimento intenso e persistente, por mais de 12 meses após a perda de alguém significativo (ou mais de 6 meses no caso de crianças) é determinado como um transtorno, algo que deveria ser considerado inerente de cada indivíduo, como uma ressignificação de símbolos perdidos, no qual cada pessoa tem o seu tempo de luto. Nisso vimos que:

Se ocorre um hiper dimensionamento na classificação das psicopatologias, é importante considerarmos também o seu caráter de produção social sempre acompanhada de prescrições farmacológicas vinculadas à um mercado que se demonstra inescrupuloso na comercialização de psicotrópicos (Soalheiro, N. I., & Mota, F. S , 2014, p. 15).

Fica evidente uma retroalimentação entre o DSM e a indústria farmacêutica, a forma como o manual diagnóstico trata os transtornos cai como uma luva para a venda de psicotrópicos, assim afirma Ortega e Aguiar:

Se nos detivermos, a título metodológico, especialmente na influência da indústria farmacêutica sobre os meios psiquiátricos, perceberemos que o formato diagnóstico proposto pelo DSM-III possui grande relevância para as demandas da indústria farmacêutica por parâmetros classificatórios de diagnósticos que pudessem ser reproduzidos nos Ensaios Clínicos Randomizados (ECRs) exigidos pela FDA.(Aguiar e Ortega, 2017 , p . 12)

Essa categorização dos transtornos abre outro precedente perigoso, a do autodiagnóstico da população leiga, ao pesquisar os critérios sem a consulta de um psiquiatra, a pessoa irá transvestir o transtorno como sendo parte dela:

Dessa forma, como podemos constatar na prática clínica, o diagnóstico torna-se um dado crucial na vida do paciente, podendo a partir dele adotar comportamentos, se enquadrar nas limitações esperadas, assumir prognósticos dados e novas formas de identidade. O momento no qual recebem um diagnóstico produziria impactos na vida dos indivíduos, levando-os a mudar a visão de si (Soalheiro, N. I., & Mota)

O desvinculamento da psicanálise com a psiquiatria no DSM III nas palavras de Soalheiro e Mota (2014) “estão inegavelmente aliados ao crescimento de uma psiquiatria biologicista , que, por sua vez, propicia o desenvolvimento de uma indústria da psicofarmacologia”. Podemos observar uma ligação ainda mais direta da indústria:

Vemos ainda que nesse período muitas revistas e jornais da área psiquiátrica passam a se sustentar graças à propaganda de medicamentos feitas em suas

páginas, e muitos centros de excelência e pesquisadores reconhecidos na área psiquiátrica ou psicofarmacológica passam a ter suas pesquisas financiadas pela indústria, podendo receber uma encomenda de alguma pesquisa ou mesmo receber um determinado modelo de pesquisa pronto, que teriam apenas que aplicar. Os pesquisadores poderiam também ser contratados como consultores pelas empresas de medicamentos ou se tornarem pesquisadores da própria empresa (Aguilar e Ortega, 2017,p. 13)

Um método muito utilizado pelas indústrias seria a de presentear diretamente os médicos, o que demonstra uma total falta de ética por parte de ambos, assim:

A venda crescente de medicamentos tem gerado, inclusive, distorções no meio médico, pois muitos desses profissionais vêm recebendo “brindes” dos laboratórios pela quantidade de remédios de determinada marca que receitam a seus pacientes. A pressão dos laboratórios é tão evidente que, em 2010, o Conselho Federal de Medicina proibiu os médicos de receberem “vantagens materiais” por receitarem determinados medicamentos e voltou atrás em 2012, permitindo que fosse possível oferecer, em troca, uma viagem para Congresso por ano, financiada por determinado laboratório, justificando que é uma “tendência mundial” [CFP], 2012, p. 5)

Um caso que pode ser considerado como uma prova da evidente influência da indústria farmacêutica na venda de remédios, seria o caso da crise do Fentanil, que ocorreu nos Estados Unidos a partir da década de 1990, mesmo não se tratando de um psicofármaco, evidenciou uma forte relação da indústria na medicina americana, tão hegemônica no mundo. Assim afirma Marks (2020, p. 1) “Há provas irrefutáveis de que a crise dos opiáceos - que já custou centenas de milhares de vidas e trilhões de dólares (e continua a aumentar) - foi criada ou exacerbada por teias de influência tecidas por várias empresas farmacêuticas”. Este acontecimento resultou em uma das maiores crises de saúde pública dos EUA.

5.CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou demonstrar uma perigosa influência da indústria farmacêutica no principal manual diagnóstico da psiquiatria, o DSM. Perante a falta de marcadores biológicos e a patologização da vida, a indústria se apropria de métodos para influenciar o aumento da criação de patologias mentais e diagnósticos, resultando assim num maior lucro de vendas de psicotrópicos. Isso se intensifica ainda mais com a procura da população para tratamento mental, ocasionada pelo avanço da modernidade que adoecem o indivíduo, sem falar do dano deixado pela pandemia do COVID-19, que ainda surtem efeito na saúde mental global

É importante ressaltar a limitação deste artigo, que apresenta uma visão geral sobre o assunto, não colocando um número maior de provas, um estudo mais aprofundado no tema resultaria na obtenção de mais conexões da indústria e o DSM, porém, o intuito deste artigo foi a de apresentar uma visão mais crítica e resumida sobre o tema.

6. REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. P.; ORTEGA, F. J. G. Psiquiatria Biológica e Psicofarmacologia: a formação de uma rede tecnocientífica. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 27, n. 4, p. 889–910, out. 2017.

Brasil. Ministério da Saúde (2011). Boletim de Farmacoepidemiologia, 2. Recuperado a partir de http://www.anvisa.gov.br/sngpc/boletins/2011/boletim_sngpc_2edatualizada.pdf

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Subsídios para a campanha Não à Medicalização da Vida, Medicalização da Educação. 2012.

DUNKER, Christian. **Uma biografia da depressão**. São Paulo: Planeta estratégia, 2021. 240 p.

HORVATICH, G. Vendas de medicamentos psiquiátricos disparam na pandemia. Disponível em: <<https://site.cff.org.br/noticia/noticias-do-cff/16/03/2023/vendas-de-medicamentos-psiquiatricos-disparam-na-pandemia>>.

JOSÉ TRECET. TOP indústrias que movimentam mais dinheiro no mundo 2024 - Rankia. Disponível em: <https://www.rankia.pt/bolsa/top-11-de-industrias-que-movimentam-mais-dinheiro-no-mundo-e-como-investir-nelas/#>. Acesso em: 17 set. 2024.

Marks, J. H. (2020). Lessons from corporate influence in the opioid epidemic: toward a norm of separation. *Journal of Bioethical Inquiry*, 17, 173-189.

Soalheiro, N. I., & Mota, F. S. (2014). Medicalização da vida: Doença, Transtornos e Saúde Mental / Medicalization of life: Disease, Disorders and Mental Health. *Revista Polis E Psique*, 4(2), 65–85. <https://doi.org/10.22456/2238-152X.49807>